

TOCANTINENSE EM REPRESENTAÇÃO: DISCURSO SOBRE O NORTE¹

1

TOCANTINENSE IN REPRESENTATION: DISCOURSE ON THE NORTH

BOUCHER, Damião Francisco

Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Porto Nacional.

E-mail: boucherplace@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8325-1603>

SOARES, Thiago Barbosa

Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Professor nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação stricto sensu em Letras da Universidade Federal do Tocantins no campus de Porto Nacional (UFT).

E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>

RESUMO

Nesse artigo, procuramos investigar como determinados discursos constituem o sentido de tocantinense, fazemos um percurso descritivo-interpretativo acerca de uma das várias redes de dizeres sobre a região norte do Brasil que são constituídas em grande parte pela mídia e trabalham na manutenção da imagem nortista. Nessa iniciativa, utilizamos o arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso, objetivando investigar como os discursos sobre o nortista produzem determinados efeitos e, conseqüentemente, promovem a manutenção de certas formações imaginárias as quais constituem o desenho do sujeito do norte. O corpus é instituído pelos dizeres de Paulo Vieira, humorista tocantinense, e pelos comentários de Victor Camejo, Rominho Braga, Osmar Campbell e Murilo Couto, humoristas paraenses e integrantes do canal no *YouTube* de grande circulação nacional e internacional, “Em Pé na Rede”. Os dizeres são veiculados no vídeo “Comentando Histórias #20 – um coroinha no Superpop”, de 15 de março de 2019. Finalmente, sopesamos nosso percurso analítico ao observar os processos nesse campo social e pudemos compreender o funcionamento da produção

1. Artigo derivado do projeto de pesquisa intitulado “O sucesso midiático como ponte para o sucesso político” sob o número de registro 3536 junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFT.

do sucesso e da desconstrução da imagem do sujeito tocantinense como um subproduto comercializável.

Palavras-chave: Discurso; nortista; silêncio; sucesso; tocantinense.

ABSTRACT

In this article, with the aim of investigating how certain discourses constitute the meaning of Tocantins, we make a descriptive-interpretative course about one of the several networks of sayings about the northern region of Brazil that are constituted by the media and work to maintain the northern image. In this undertaking, we use the theoretical-methodological framework of Discourse Analysis in order to investigate how the discourses about the northerner produce certain effects and, consequently, promote the maintenance of certain imaginary formations that constitute the design of the northern subject and, specifically, of the Tocantins. The corpus is constituted by the words of Paulo Vieira, humorists from Tocantins, and by the comments of Victor Camejo, Rominho Braga, Osmar Campbell and Murilo Couto, humorists from Pará and members of the YouTube channel of great national and international circulation, “Em Pé na Rede”. The sayings are shown in the video “Commentando Histórias #20 - um coroinha no Superpop”, on March 15, 2019. Finally, we weighed our analytical path by analyzing the processes in this social field and we were able to observe the functioning of the production of success and deconstruction of the image of the Tocantins subject as a marketable by-product.

Keywords: Discourse; northern; silence; success; tocantinense.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Brasil com suas proporções geográficas de caráter continental torna o âmbito sociopolítico, socioambiental, sociocultural, entre outros, um espaço da heterogeneidade. Essa multiplicidade transforma as peculiaridades brasileiras em um “grande caldeirão” de divergências e de convergências de pensamentos. Na esfera geopolítica, as formações imaginárias (constantemente retroalimentadas por discursos que as reproduzem) circulam por diversas regiões, materializando-se em diversas formações discursivas que, por meio de piadas, ditos populares, programas de comédia, etc. trabalham na manutenção de um imaginário, ou melhor, de uma imagem idealizada sobre o sujeito nortista. Essa

imagem do sujeito do norte, especificamente do sujeito tocantinense, delinea a cultura e a intelectualidade a partir de projeções, de relações de força e da construção de assimetrias regionais, sobretudo aquelas, através do discurso sobre o norte, nas quais posicionam a região nortista em um lugar de falta e de atraso intelectual, apagando, por conseguinte, seus aspectos de formação identitária de sujeitos e de espaços.

Com foco justamente na projeção discursiva dessas assimetrias regionais, bem como na imagem do sujeito nortista, em especial do tocantinense, como a representação do atraso intelectual e de seus espaços como o lugar da falta, propomos um batimento descritivo e interpretativo de uma dessas redes de dizeres sobre o norte, retroalimentada não só pela mídia sulista, mas também pelos próprios sujeitos nortistas, assujeitados a essa formação social. Para tal iniciativa, buscamos utilizar o arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso, em particular as noções de silêncio (ORLANDI, 2007) e do discurso do sucesso midiático (SOARES, 2016, 2017, 2018a, 2018b,) para compreendermos os possíveis efeitos e as prováveis contribuições dessa rede de dizeres para a manutenção das formações imaginárias sobre o sujeito do norte, especificamente o tocantinense. Em dada investigação, buscamos analisar o corpus constituído pelos dizeres de Paulo Vieira, humorista tocantinense, e pelos comentários de Victor Camejo, Rominho Braga, Osmar Campbell e Murilo Couto, humoristas paraenses e integrantes do canal no YouTube de grande circulação nacional e internacional, “Em Pé na Rede”. Os dizeres são veiculados no vídeo “Comentando Histórias #20 - um coroinha no Superpop”, de 15 de março de 2019. Deste modo, através da análise proposta, procuramos demonstrar o funcionamento dessa rede de sentidos, ou melhor, dessa formação discursiva (SOARES, 2018b) e como tais efeitos trabalham no apagamento do Estado do Tocantins e na manutenção de projeções que idealizam o norte como parte social desprivilegiada, atrasada intelectualmente, mantendo uma relação assimétrica em relação ao sul e sudeste brasileiro. Da mesma maneira, analisamos como os sujeitos tocantinenses e seus espaços geográficos são projetados e como espaços, corpos e dizeres se sustentam por pré-construídos os quais emergem de memórias (PÊCHEUX, 2015b), já-ditos do sul acerca do norte e que atualizam seus sentidos no campo da formulação através da interlocução (FOUCAULT, 2014).

É importante ressaltar que o exame do discurso sobre o sujeito tocantinense ainda é inicial², assim, torna-se imprescindível o uso de

² O referido percurso analítico sobre o mencionado corpus discursivo representa a continuidade de uma iniciativa mais ampla, proposta no artigo “Discurso sobre o norte: a representação da imagem Tocantinense em Paulo Vieira”, disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1360/0>

princípios e procedimentos considerando a análise de discurso sobre o sujeito tocaninense. Por esta razão, a partir de uma perspectiva descritiva e interpretativa, procuramos investigar a movência dos sentidos amparados por um rigoroso quadro teórico-metodológico cuja aplicabilidade verticaliza-se também na apreciação dos inventários interdiscursivo e intradiscursivo. Em outras palavras, procuramos estabelecer um quadro teórico o qual considera não só o que é dito, mas também o conjunto de memórias constitutivas dos sentidos que se atualizam nas redes de dizeres sobre o sujeito nortista.

Diante dessas linhas traçadas no horizonte desta pesquisa com o objetivo de investigar como determinados discursos constituem o sentido de tocaninense, este texto organiza-se de modo a apresentar, no primeiro momento, as **Considerações teóricas**. Nelas, delineamos o aparato conceitual da Análise do Discurso em que nos embasamos para desenvolver os gestos de leitura. Em um segundo momento, em **A imagem do tocaninense: uma visão emprestada**, colocamos em marcha a análise dos efeitos de sentido presentes no corpus selecionado, o vídeo “Comentando Histórias #20 - um coroinha no Superpop”, e, finalmente, nas **Considerações finais**, refletimos, examinamos e sopesamos a trajetória percorrida. Após essa descrição dos elementos os quais constituem a ossatura deste texto, passamos ao próximo tópico.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Primeiramente, antes de refletirmos acerca do discurso sobre o norte brasileiro e o sentido que tocaninense recebe em seu interior, objeto de estudo deste texto, considerando-o não só como uma rede de sentidos voltada para a manutenção das relações de força, mas também como um movimento contínuo o qual projeta a imagem da diferença entre sujeitos do sul e do norte brasileiro, precisamos considerar essa configuração de dizeres na perspectiva de uma leitura verticalizada em que enunciados, sujeitos e história são levados em consideração no processo de descrição-interpretção. Enxergá-la de uma perspectiva que transpassa o sistema linguístico. Percebê-la como “efeitos de sentidos entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 1997, p. 82). De outro modo, conceber essa rede de sentido como discurso, como fenômeno relativamente independente do sistema linguístico. Discurso cujo funcionamento se encontra entre a estrutura, numa dinâmica (des)estruturante, e o acontecimento, refletindo sobre a relevância do sujeito e de seus enunciados que atravessam o Brasil em 2019, através de redes sociais e de muitos outros difusores, formando as

condições específicas de produção desses dizeres a serem analisados (PÊCHEUX, 2015a).

Por considerarmos nosso movimento analítico uma visada de entremeios, podemos observar a dinâmica discursiva e a movência de sentidos incompreensível à percepção puramente linguística-estrutural. Na análise do discurso sobre o norte, especificamente sobre o sentido e o sujeito tocantinense, procuramos dissipar a comunicação idealizada em que nela, os sujeitos atuam sob as circunstâncias de um circuito fechado na qual a interlocução é tomada como objetiva e transparente e que a língua determina seus sentidos de maneira cerrada, sem considerar o acontecimento, as memórias (PÊCHEUX, 2015b), os já-ditos e seus efeitos anteriores (ORLANDI, 2015a). No percurso analítico escolhido, primamos pela consideração dos diversos caminhos pelos quais podemos percorrer para se analisar o discurso sobre o norte, como, por exemplo, considerar que os discursos, trabalhando na confluência do sistema linguístico, do acontecimento e de um conjunto de memórias (PÊCHEUX, 2015b) relativamente estáveis e recursivas, ao emergir sentidos preexistentes e que “serviram” a outras condições de produção, ora estabilizam ora deslocam as bases significativas dos sintagmas e conseqüentemente dos enunciados proferidos. Cabe ressaltar que o silêncio, especificamente o silêncio constitutivo, age nesse movimento como materialidade sutil a qual preenche sentidos e deixa visível tanto a relatividade da autonomia da língua quanto a da história. Esse movimento de “divisão, de disjunção, de deslocamento, de retomadas, de conflito e de regularização” (PÊCHEUX, 2015b) só pode ser perceptível por meio da descrição técnica e de uma interpretação na qual levamos em consideração os elementos extralinguísticos os quais permeiam a produção discursiva e permitem condições essenciais de produção de sentidos (SOARES, 2018b). Por essa razão, a visão teórico-metodológica da Análise do Discurso (doravante AD) busca colocar o analista na posição que o permite observar e ponderar não “o que”, mas “como” seu objeto, o discurso, funciona na (re)produção de sentidos.

Nesse diapasão, depreendemos o funcionamento discursivo e sua lógica, especialmente o discurso sobre o norte, a partir do movimento mútuo entre mecanismos linguísticos e extralinguísticos constituindo certos funcionamentos e apresentando regularidades que nos possibilitam a compreensão de que esses elementos estão inseridos em uma ordem, tornando-os reciprocamente solidários entre si quando, por exemplo, pensamos nas composições por meio das quais indivíduos são

“interpelados em sujeitos pela ideologia” (ALTHUSSER, 1992, p. 108). Tal ideologia materializa-se em determinadas formações discursivas que são perceptíveis através do uso da linguagem (PÊCHEUX, 1997).

Desse ponto, percebemos a relevância de se compreender os discursos como materialidades mais sutis exercitando a tensão entre a estabilização e o deslocamento de sentidos, no retorno de sentidos preexistentes e na continuação desses. Por consequência, depreendemos como “o discurso do norte” torna-se uma reverberação recursiva do “discurso sobre o norte” e uma atualização dos efeitos constitutivos de tocaninense. Diante desse movimento de já-ditos sobre o sujeito nortista, em especial do tocaninense, provenientes, sobretudo das regiões sul e sudeste, parece haver eco nos enunciados de sujeitos do norte, e, com isso, podemos perceber o funcionamento das Formações Ideológicas (doravante Flds) materializadas nas Formações Discursivas (doravante FDs).

Para deixarmos menos perfunctória nossa exposição e a aplicação conceitual do ferramental da Análise do Discurso, delimitamos nosso objeto de análise acerca das várias redes de dizeres sobre a região norte do Brasil, ou seja, a imagem que sujeitos nortistas possuem no interior do norte como “o lugar da falta” (BOUCHER e SOARES, 2021, p. 184), do atraso social e da pobreza através de jogos semânticos, circulantes no campo humorístico (POSSENTI, 2018), os quais apagam a possibilidade de enxergar a mencionada região como um lugar de desenvolvimento social.

Tomamos os discursos como efeitos de sentidos trabalhando através da materialidade linguística que se dá pela interação entre sujeitos (PÊCHEUX, 1997). Logo, é possível perceber os efeitos de sentido mobilizados na interlocução. Dessa maneira, ao levarmos em conta os diferentes efeitos de sentido, como os discursos do sucesso, de autoajuda (SOARES, 2016, 2017, 2018a, 2018b), bem como as noções de silêncio (ORLANDI, 2007) no campo discursivo do humor, podemos afirmar que a comunicação ultrapassa o âmbito linguístico, tocando também a imagem e suas memórias (seja ela estática, interseccionada com o verbal, ou dinâmica, reproduzida a partir do diálogo entre encadeamentos de imagens) como representação da realidade e da força das relações sociais (DAVALLON, 2015).

No entremeio da estrutura e do acontecimento (PÊCHEUX, 2015a), o analista considera também as condições de produção das enunciações, assim como as diferenças entre FDs que delimitam

aquilo que sujeitos em interlocução podem e devem enunciar na circunstancialidade dos processos discursivos (PÊCHEUX, 1997). Nas FDs, sempre existem inserções ideológicas das quais podemos distinguir posições contrastantes, bem como a divisão de classes em constante manutenção pelas interpelações (ALTHUSSER, 1992). Assim, esse movimento constitui as Formações Imaginárias (doravante FIm) as quais são colocadas discursivamente em marcha através de um complexo jogo semântico. Nessa dinâmica dos sentidos, através da derrisão, o discurso sobre o norte promove a desconstrução da identidade de sujeitos (POSSENTI, 2018) ao passo que coloca em posição de prestígio o sujeito enunciativo desses dizeres. Nesse processo de enunciação é posto em funcionamento: processamentos metafóricos, parafrásticos, polissêmicos e mecanismos de antecipação, em que imagens são construídas em um complexo entrecruzamento de projeções delimitadas por certas relações de força e retroalimentadas por relações de sentidos existentes no interior da organização social (PÊCHEUX, 1997).

E nessa organização social, o discurso do sucesso não se apresenta de maneira explícita, não se podendo “depreendê-lo de um golpe só” (SOARES, 2018a, p.169), porquanto não é estático. Pelo contrário, o discurso do sucesso representa uma configuração atual de dizeres os quais exercem influência nas relações financeira e afetiva dos sujeitos envolvidos e põe em prestígio esses sujeitos cujos atributos são exaltados pelo foco midiático e seus mecanismos de produção de efeitos de sentidos do sucesso.

Segundo Soares (2018a, p. 169) “existem pelo menos dois discursos do sucesso; um do campo midiático, outro da esfera literária de autoajuda”. O que priorizamos delimitar é o discurso do sucesso midiático como dispositivos discursivos funcionando na produção de sentidos do sucesso, isto é, construindo efeitos de sucesso nos dizeres do sujeito enunciativo a ponto de potencializá-lo como sujeito de prestígio. Para observar tais dispositivos em plena operação, Boucher e Soares (2020) afirmam, acerca do discurso do sucesso, que:

O engendramento dos efeitos de sucesso tem se tornado comum nos discursos midiáticos por fazerem parte daquilo que Adorno e Horkheimer (1947, p. 62) sintetizam como o sustentáculo de um imaginário social, como um mito indissociável da relação de força e da busca pelo poder. Em outros termos, “assim como os dominados sempre levaram mais a sério do que os dominadores a moral que deles

recebiam, hoje em dia as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos” (ADORNO & HORKHEIMER, 1947, p. 62). Ou seja, percebemos que as condições de constituição dos discursos midiáticos funcionam de acordo com certos fatores, com o intuito de estabelecerem legitimação e dominância através das modalizações do poder-dizer, do poder-ser, poder-fazer e do poder-apagar (BOUCHER e SOARES, 2020, p. 126).

Essas modalizações trabalham de maneira recíproca na perpetuação dos movimentos discursivos. De outro modo, elas permitem a emergência e a aparição de certos efeitos de sentido, entrecruzando sucesso, silêncio e outras materialidades relevantes para a compreensão do funcionamento dos sentidos. Orlandi (2015a, p. 37) declara que “não há discurso que não se relacione com outro”. Dessa assertiva, entendemos que, pela relação de sentido, um discurso estabelece um diálogo indissociável com outros. Se pensarmos em outras noções como a de antecipação, podemos compreender como o sujeito é colocado em determinada posição “a fim de poder dizer de um modo ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir” (ORLANDI, 2015a, p. 37).

Ainda sobre o funcionamento discursivo, podemos dizer que a relação de força representa o lugar a partir de qual fala o sujeito e que contribui para a constituição do que pode (ou não) ser dito. De outro modo, “ela é a força discursiva na qual a tomada de fala é regulada, bem como aquilo que espera ser dito por dado sujeito” (BOUCHER e SOARES, 2021, p. 169). Nessa conjuntura estruturada, as Flms promovem a produção da imagem do sujeito, “da imagem de sucesso ou de fracasso, da posição discursiva que permite A dizer sobre B de modo a convencer a opinião pública” (BOUCHER e SOARES, 2020, p. 126). Isso se dá especialmente no que concerne à manutenção da assimetria regional a qual projeta os estados do norte brasileiro como a região do atraso intelectual e cultural, fazendo funcionar o silêncio constitutivo de seus aspectos identitários, causando o efeito inversamente proporcional à exaltação e à posição de prestígio de estados sulistas.

Diante da condição reprodutiva de sentidos na qual o norte brasileiro encontra-se, percebemos a atuação da interdição e do silêncio. Com relação à interdição dos sentidos, “a forma mais evidente da exclusão” (FOUCAULT, 2014, p. 9), o silêncio constitutivo opera nas modalizações “do poder-dizer” e “do poder-apagar” e é constituído pela instância sócio-histórica. De outro modo, o silêncio funciona como um

tampão para a interdição. Acerca da concepção de silêncio constitutivo, Orlandi afirma que:

Determinado pelo caráter fundador do silêncio, o silêncio constitutivo pertence à própria ordem de produção do sentido e preside qualquer produção de linguagem. Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o anti-implícito: se diz “x” para não (deixar) dizer “y”, este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não-dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma “outra” formação discursiva, uma “outra” região de sentidos (ORLANDI, 2007, p. 73).

Compreendemos, segundo a concepção descrita por Orlandi (2007), que o silêncio constitutivo em funcionamento gera o apagamento de sujeitos e de sentidos através do processo enunciativo. Especificamente nos discursos sobre o norte, o silêncio constitutivo opera os apagamentos intelectual, econômico e cultural dessa região por meio do preenchimento de silêncio nas manifestações discursivas situadas no “campo humorístico” (POSSENTI, 2018, p. 12). O humor do qual emergem sentidos preestabelecidos que guardam memórias (PÊCHEUX, 2015b) sobre o que se disse (e o que se diz) acerca do norte, projeta o silêncio constitutivo a dada região, como um tipo de sociedade como pré-histórica, colonial, bem como a terra do atraso e do retrocesso intelectual através da derrisão. Esta que, carregada com os efeitos de silêncio, apaga os traços identitários do norte e insidiosamente tenta apagar a posição discursiva que o sujeito enunciador toma no momento da enunciação humorística.

A partir dessa perspectiva, afirmamos que a análise do corpus se dá especificamente pelo batimento descritivo-interpretativo de pré-construídos, ou melhor, por meio do exame do “efeito subjetivo de anterioridade” (HENRY, 1990, p. 61). Em outros termos, os pré-construídos designam “o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é construído pelo enunciado” (PÊCHEUX, 2014, p. 89). Nesse movimento, verificamos aquilo que se repete e se atualiza nos enunciados, assim como observamos o retorno dos já-ditos oriundos de memórias discursivas e conseqüentemente suas formulações pela dinâmica inter e intradiscursiva.

Quanto à emergência e “movência das memórias” (PÊCHEUX, 2015b, p. 45-50) no campo da constituição (interdiscurso) para o campo da formulação (intradiscurso), Courtine (2014, p.73), destaca que “dada FD não é dissociável do estudo da determinação desse processo discursivo por seu interdiscurso”. De outro modo, esses já-ditos, fragmentados dos sujeitos pelos “esquecimentos número 2” (PÊCHEUX, 1997, p. 168-169) (de cunho enunciativo) e número 1 (da própria instância do inconsciente), faz com que sentidos pré-existent emergjam, causando o efeito de atualização dos enunciados, ou seja, da ilusão do novo ao adentrar o campo do intradiscurso. Por esse motivo, observamos e identificamos através do cotejamento, determinadas formações ideológicas diante daquilo que é enunciado, mas também daquilo (nesse caso as memórias) que está reverberando em silêncio (ORLANDI, 2015b).

Por essa razão, o movimento analítico aqui empreendido também leva em consideração os processamentos parafrástico e polissêmico como geradores de “diferentes formulações” (ORLANDI, 2015b, p. 56) daquilo que é concebido como o sujeito nortista, em especial o tocaninense. Com relação ao processamento parafrástico, “de fato, é possível considerar sinonímias contextuais entre dois grupos de termos ou expressões as quais produzem o mesmo efeito de sentido em relação a um contexto dado” (PÊCHEUX, 1997, p. 94). Mesmo nos efeitos em silêncio que denunciam uma relação de força como, por exemplo, humorista convidado/apresentador, os efeitos de metáforas se relacionam por ancoragem semântica em um contínuo processo de estabilização (paráfrase) e de deslocamento (polissemia) (ORLANDI, 2015a), permitindo que as bases significativas de determinadas palavras deslizem de uma região de sentido à outra (ou se estabilizem em determinada região) a depender das posições discursivas e das intenções enunciativas de cada sujeito na interlocução.

A IMAGEM DO TOCANTINENSE: uma visão emprestada

Inicialmente, por uma questão didática, separamos o corpus em trechos para facilitar o acompanhamento da descrição e da interpretação devido à extensão do texto. Consequentemente mantemos uma fluidez possível no tratamento dos dados para, se necessário, retornarmos às partes que estão mais distantes do processo de batimento.



(Da esquerda para direita: Victor Camejo, Rominho Braga, Paulo Vieira, Osmar Campbell e Murilo Couto)

Osmar Campbell: (...) Receba com muitos aplausos o nosso grande amigo Paulo Vieira! (aplausos).

Paulo Vieira: Bom... a história que eu vou contar... Bom... num sei nem se é engraçada. Eu conto com os meninos aqui. É...

Victor Camejo: Bora, Bora colocar a expectativa lá embaixo (...) e aí o que vier é lucro.

Osmar Campbell: Vai ser uma história de drama, vai.

Logo no início do vídeo, introduzindo uma história do começo de sua carreira, Paulo Vieira afirma que a história que ele iria contar seria mais de caráter dramático do que humorístico. Podemos perceber que o humorista em seus dizeres procura engendrar um efeito de desvalorização de sua competência, buscando gerar na plateia presente e em seus telespectadores o efeito de expectativa naquilo que ele tinha pra contar. A dramatização, por sua vez, é criada pelo preâmbulo realizado pelo grupo. Esse efeito é enunciado por seu colega Victor Camejo: “Bora, Bora colocar a expectativa lá embaixo (...) e aí o que vier é lucro”. Dessa breve descrição, focamos em dois pontos: 1) a razão pela qual Paulo Vieira está no Palco e; 2) a imagem que esse sujeito faz de sua região, “de si e dos outros” (PÊCHEUX, 1997, p. 77-85).

Pensando no contexto imediato, ou seja, no campo intradiscursivo no qual os já-ditos se atualizam, Victor Camejo, Rominho Braga, Paulo

Vieira, Osmar Campbell e Murilo Couto são indivíduos interpelados em sujeitos humoristas (ALTHUSSER, 1992) com o objetivo de entreter o público-alvo através, sobretudo, “da produção do riso” (POSSENTI, 2018, p. 139). Eles são provenientes de uma região cuja tradição humorística não é discursivizada na grande mídia e, logo, são projetados na posição de humoristas “de pouca graça”, isto é, são desprestigiados por não serem investidos “dos efeitos de sucesso” (BOUCHER e SOARES, 2020, p. 126).

Assim, para produzir o “objeto humorístico” que interessa a uma grande maioria (POSSENTI, 2018, p. 51-52) (as piadas, nesse caso, uma parte de sua história de vida) Paulo Vieira, sujeito tocantinense, utiliza-se daquilo que é difundido por formações discursivas determinantes de sentidos, bem como a posição dos sujeitos envolvidos no processo discursivo, retroalimentando as Flms as quais projetam o norte e seus habitantes como “uma região atrasada e sem sujeitos talentosos”. Ainda sobre os sujeitos do norte, na delimitação dessa rede de dizeres circulam sentidos os quais fazem emergir a ilusória visão de que o sofrimento e, conseqüentemente, o êxodo daqueles que nascem numa condição de vida precária são sempre provenientes do norte ou do nordeste do país que para escapar dessa situação de calamidade e de pobreza têm o sudeste brasileiro como tábua de salvação. Conseqüentemente, essa posição discursiva, ao colocar esse processo migratório como acontecimento óbvio, acaba por apagar o fato de que o drama da migração por uma melhoria de qualidade de vida também acontece do sul ou do sudeste para outras regiões da federação.

Dessa circunscrição conjuntural, observamos a consecução dos efeitos de humor pelo deslocamento e pelo entrecruzamento do sentido de “drama” e de seu efeito de “humor” (ORLANDI, 2015a, p. 34), através dos dizeres sobre as desgraças e as mazelas sofridas pelo povo nortista, no caso do tocantinense. A história que Paulo Vieira vai contar “é um drama humorístico” ou “um humor dramático”? Ao processar parafrásticamente os possíveis sentidos em “Bom... a história que eu vou contar... Bom... num sei nem se é engraçada. Eu conto com os meninos aqui”, dado funcionamento nos possibilita refletir se esses efeitos buscam produzir o drama como principal motor “de derrisão” (POSSENTI, 2018, p. 139). Se por um lado Paulo Vieira é o representante do drama daqueles que esperam ser enxergados pelos seus talentos (num sei nem se é engraçada), por outro lado seus pares de show são aqueles que pelo escarnecimento transformarão o drama de Paulo Vieira em “objeto

de riso” (POSSENTI, 2018, p. 51-52). Percebemos dessas duas posições do campo intradiscursivo que tanto Paulo Vieira quanto seus colegas de palco representam na perspectiva “interdiscursiva” (COURTINE, 2014, p.73) a continuidade histórica das relações de força que determinam a posição do sujeito sulista e do nortista, simbólica e politicamente engajados na manutenção das Flms as quais sustentam grande parte das assimetrias existentes entre tais polos.

Já o que diz respeito à imagem que Paulo Vieira faz de sua região, de si e também dos outros, segundo ponto que mencionamos anteriormente, podemos observar o silêncio constitutivo funcionando na sequência discursiva abaixo:

Paulo Vieira: Bom... Uma vez eu tava lá. Eu mo... morava no Tocantins...

Murillo Couto e Victor Camejo: É triste mesmo... triste (rosto de lamentação).

Osmar Campbell: Já começou pegar pesado.

Murillo Couto: Nossa senhora vai ser duro, hein? (gargalhadas).

No trecho acima, Paulo Vieira inicia sua narrativa de vida expondo seu lugar como indivíduo “interpelado em sujeito” do norte (ALTHUSSER, 1992, p. 108). Ao mencionar que morava no Tocantins é interrompido imediatamente por seus pares Murillo Couto e Victor Camejo que enunciam o seguinte dizer: “É triste mesmo... triste”. Seguido por esse enunciado, Osmar Campbell ratifica a ideia proferida anteriormente dizendo “Já começou pegar pesado”. A sequência de ironias sobre o Tocantins é consolidada com o dizer de Murillo Couto o qual ratifica a ideia de que uma história sobre alguém que morava no Tocantins era um drama: “Nossa senhora vai ser duro, hein?”

Por essa breve descrição, podemos constatar a ruptura semântica no sintagma “morava no Tocantins”. Nos dizeres de Paulo Vieira, representa uma localidade geográfica, no entanto, devemos atentar para os efeitos do esquecimento número 2, da ordem da enunciação e que nos faz esquecer que os dizeres poderiam ser outros, trazendo-nos “a ilusão referencial” (PÊCHEUX, 1997, p. 168-169) na qual o nome “Tocantins” somente representa um estado da federação. Esse sintagma representativo de uma localidade geográfica, por exemplo, também reverbera como um “estado de drama” para os outros humoristas os quais buscam romper o silêncio da plateia e causar o riso pelos chistes

regionalistas (POSSENTI, 2018), pelos dizeres que constituem o gatilho do humor e que trabalham no “silenciamento” (ORLANDI, 2007, p. 73) da imagem de sujeitos e de contextos sócio-históricos alimentando, conseqüentemente, as Flms de cada região.

Os enunciados “É triste mesmo... triste”, “Já começou pegar pesado” e “Nossa senhora vai ser duro, hein?” são catalizadores do riso por projetarem o Tocantins e conseqüentemente a história de Paulo Vieira não como um humor, mas como algo dramático. Nessa escala em que o Tocantins é constituído discursivamente como: a) o lugar da falta; b) um lugar difícil de viver e; c) duro de aceitar, vemos os efeitos do apagamento que não são óbvios, no entanto, estão sinuosamente marcados nos efeitos dos sintagmas “triste”, “pegar pesado” e “ser duro”.

Mais uma vez dissipando a ilusão referencial do “esquecimento número 2” (PÊCHEUX, 1997, p. 168-169), “triste” não reverbera aqui os sentidos de piedade, de desolação ou de dor, mas faz funcionar o caráter medíocre da região mencionada e a projeta pelo “véu aparentemente despretensioso do humor” (POSSENTI, 2018, p. 139) como um espaço que aflige seu povo pela má qualidade e pelo ridículo, isto é, “triste”. O “pré-construído” (HENRY, 1990, p. 61) “pegar pesado” faz parte de uma expressão idiomática e não opera aqui como um “trabalho árduo”, mas como “algo difícil de ouvir”. Reiterando a ordem discursiva na qual “o modo de dizer não é indiferente aos sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 33), ainda observamos o sintagma “pegar pesado” como uma palavra de baixo calão que não deve ser pronunciada. Esse pré-construído é geralmente utilizado quando há uma conversa amistosa e um dos interlocutores começa a se descontrolar e enunciar expressões que possam ofender os outros envolvidos no diálogo.

No interior das relações entre sentidos, surgem possibilidades de sentidos os quais relacionam “palavrão” e “Tocantins”, colocando-os na mesma categoria de palavras que não devem ser ditas para determinados sujeitos e em dados locais. Por fim, o enunciado “ser duro” caminha nessa mesma direção, isto é, tal formulação reforça a ideia de que falar do Tocantins é estar na posição do ridículo. Por conseguinte, essas ideias criam “processamentos parafrásticos” (ORLANDI, 2015b, p. 56) cujo o sentido de morar no Tocantins não se configura em “uma piada” propriamente dita, mas “um motivo de piada”. São esses os sentidos que os humoristas procuram pôr em marcha ao se filiarem às formações discursivas as quais promovem o norte como a região a ser comentada como o lugar do atraso, “triste”, “duro” e “pesado”.

Paulo Vieira: Falou o cara de Belém! (gargalhadas).

Murillo Couto: Um não, quatro, né? (gargalhadas).

Paulo Vieira: Fala os cara da Nova York do Norte.

Rominho Braga: Tocantins e quatro de Belém. Gugu tá assim: Nossa! Eu quero levar ele de volta (linguagem gestual com a mão simbolizando dinheiro).

Paulo Vieira: Qual desses aí precisa dum dente? (linguagem gestual: mão simbolizando dinheiro).

Rominho Braga: Um dente eu não sei mais um dedo (linguagem gestual: apresentação da mão literalmente sem dedo) (aplausos).

Percebemos que os dizeres de Paulo Vieira e de seus pares, ao longo do vídeo, vão construindo a imagem do sujeito nortista e criando um efeito de afastamento como se os sujeitos envolvidos na apresentação humorística não ocupassem a posição de sujeitos do norte. No entanto, utilizando do mesmo recurso das piadas regionalistas (POSSENTI, 2018) as quais desconstroem a imagem de sujeitos nortistas, Paulo Vieira ressalta que seus colegas humoristas pertencem à mesma região a qual eles criticam. Nota-se que o enunciado “Falou o cara de Belém!” não é constativo, ou melhor, não aponta somente para um sujeito cujo lugar de pertencimento seja a capital do Pará, mas faz funcionar, mais uma vez, a projeção de “um espaço medíocre no qual se encontra na mesma classe social que o já mencionado Tocantins”. “Falou o cara de Belém!” também é um processamento parafrástico da metáfora “estamos no mesmo barco”, reverberando os mesmos efeitos e corroborando que ambos se encontram na própria categoria do “atraso”, do “lugar de dureza” e do “drama social”.

Ainda nesse trecho, chamamos a atenção para outro ponto que reforça os efeitos de sucesso engendrados em dado pré-construído cujo processamento parafrástico emerge os sentidos de “espaço do desprestígio”. Nesse caso, é representado pelo enunciado “Gugu tá assim: Nossa! Eu quero levar ele de volta”. O pré-construído “Gugu” é utilizado para criar o efeito de decadência, no entanto, só podemos compreender esses sentidos operando pela investigação do “interdiscurso” (COURTINE, 2014, p.73), lugar de constituição desse e outros efeitos. Por esse mecanismo compreendemos que “Gugu” é o

apelido de Antônio Augusto de Moraes Liberato, um apresentador que depois de uma carreira de prestígio midiático, cai em decadência e se encontra envolvido em vários escândalos nos quais sua imagem é desconstruída e, conseqüentemente, deteriorada sua carreira. Devido a isso, o apresentador mudou de emissora, no entanto continuou dando baixas audiências e passou a ser visto não mais como um sujeito de sucesso, mas um apresentador em “estado de degradação” (O PLANETA TV, 2017).

Dessas considerações interdiscursivas, podemos compreender os efeitos no enunciado que emerge no campo intradiscursivo “Gugu tá assim: Nossa! Eu quero levar ele de volta”. O enunciado, juntamente com a linguagem gestual da mão simbolizando dinheiro, pretende transmitir efeitos que conduzem o sujeito ouvinte a entender que há na contratação de humoristas nortistas a oportunidade de se ganhar dinheiro, mas também constrói um processamento parafrástico o qual reverbera a metáfora do “fundo do poço”. Em outras palavras, o fato de Gugu estar interessado em um sujeito do norte “já utilizado” e “já descartado” (pressupostamente marcado pelo enunciado “levar de volta”) diz muito da sua condição profissional precária e simultaneamente projeta os humoristas nortistas como “o último recurso”, “a última saída” para voltar a alavancar a degradada carreira do apresentador. No trecho abaixo, o processo de constituição da imagem do sujeito nortista continua.

Victor Camejo: Caralho... Inclusive eu acho nem... acho que as pessoas nunca viram tanta gente do norte na frente duma câmera (...)

Paulo Vieira: Na verdade elas não tão vendo tantos porque a metade eu tampo (...).

Osmar Campbell: Tem “um grande Tocantins” e umas beiradas do Pará.

Paulo Vieira: Na verdade se fosse por uma questão de corpo eu seria Manaus (gargalhadas). E aí eu morava no Tocantins...

Rominho Braga: Essa referência eu ri assim, mas eu nem sei o tamanho de Manaus... Eu sou bem ruim de geografia.

Paulo Vieira: É... precisa ter ensino fundamental.

Paulo Vieira: Bom... Eu morava no Tocantins, tinha uma vida desgraçada lá, era ator amador e

fazia comédia lá, às vezes, enfim... tinha... bem no início mesmo... O que um comediante passa em São Paulo só que no Tocantins... quer dizer, ainda – mais – merda.

Logo no início, no recorte “acho que as pessoas nunca viram tanta gente do norte na frente duma câmera”, o humorista Victor Camejo procura provocar o riso (POSSENTI, 2018) pela ideia de escassez de humorista nortista na TV. Paulo Vieira procura produzir sentidos cômicos ao trazer a questão da obesidade: “Na verdade elas não tão vendo tantos porque a metade eu tampo”, dando relevo à sua estética. Já Osmar Campbell concorda com Paulo Vieira ao enunciar “Tem ‘um grande Tocantins’ e umas beiradas do Pará”. Esses e outros dizeres produzindo sentidos ao longo da apresentação são atravessados por FlDs as quais interpelam o indivíduo (ALTHUSSER, 1992) do norte em sujeito ignorante e sem conhecimento, colocando-o na posição de inferioridade intelectual.

Esses efeitos podem ainda ser percebidos no enunciado em que Rominho Braga produz: “Essa referência eu ri assim, mas eu nem sei o tamanho de Manaus... Eu sou bem ruim de geografia.” Ao se colocar na posição de um sujeito do norte que desconhece a geografia da própria região, Rominho Braga faz emergir do interdiscurso (COURTINE, 2014) os sentidos constitutivos sobre o norte e que difundem a ideia de atraso intelectual. Paulo Vieira reforça essa ideia com os dizeres “É... precisa ter ensino fundamental” e “Bom... Eu morava no Tocantins, tinha uma vida desgraçada lá”. Desse ponto, notamos que os sintagmas “a falta de estudo”, “Tocantins” e “vida desgraçada” são efeitos constitutivos da posição (discursiva) que o sujeito enunciador ocupa.

De acordo com Soares, essas imagens, posições e seus respectivos dizeres são constituídos pelas antecipações implicadas na cadeia discursiva e que estas FlMs projetam a imagem “que cada um dos participantes de uma interação verbal faz de si e do outro na projeção de tais imagens como efeito de discurso” (SOARES, 2018b, p. 116). Por esse motivo, podemos afirmar que as FlMs estão em constante manutenção e nos permite compreender que, mesmo sendo sujeitos do norte, os enunciadores são atravessados por formações discursivas que determinam o que se deve (ou não) falar sobre seus respectivos lugares para causar “a derrisão” (POSSENTI, 2018, p. 139).

E ao mencionar a constante manutenção das FlMs sobre o sujeito tocantinense, não podemos deixar de constatar que as piadas em torno da imagem do tocantinense como o sujeito desfavorecido

intelectualmente precisa de um “terreno fértil” e esse campo fecundo é o discurso do sucesso, porquanto “o solo para a criação de piadas é tipicamente pisoteado” (POSSENTI, 2018, p. 52). Em outras palavras, é necessário que os temas circulantes em sociedade (e que tornam possíveis a aparição das piadas) estejam em evidência, ocupem o “rol do humor” para “transformar” o sujeito enunciador em um humorista de sucesso, preocupando-se com assuntos correntes que alimentam o seu público-alvo.

Dessas considerações, compreendemos que o funcionamento da produção do sucesso e da desconstrução da imagem de tocaninense, concebidos pelo discurso sobre o norte, apresenta-se como um subproduto comercializável, projetando os sujeitos humorísticos tanto numa posição de prestígio, por suas enunciações as quais agradam o público em geral (falar mal do outro), quanto na região da falta de intelecto para a produção cultural (ser tocaninense).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse batimento em que a descrição e a interpretação são colocadas em um percurso discursivo sobre o que se diz do norte, sobretudo como o tocaninense é projetado, percebemos algumas imagens as quais Paulo Vieira e seus pares (Victor Camejo, Rominho Braga, Osmar Campbell e Murilo Couto) fazem de si e de sua região. Geralmente os humoristas se colocam na posição de artistas emergentes e se filiam a FDs que apagam seu lugar de origem pela desconstrução da imagem do norte. Nessas FDs, os sujeitos tocaninense e paraense assumem a posição do humorista que para causar o riso precisa desprestigiar seu espaço geográfico como “o lugar da desgraça”, (POSSENTI, 2018) assim como projetar sua imagem como a representação da falta intelectual. Essa rede de sentidos do humor sobre o norte é delimitada historicamente e sua continuidade tem raízes mais profundas se considerarmos as condições de produção desses enunciados: a luta de classes, o desprestígio do nordeste brasileiro em detrimento do progresso urbano e industrial do sudeste na Primeira República (SILVA, 20??) e de todos os outros fatores que permitiram a produção de dizeres humorísticos sobre o povo do norte e do nordeste.

Ainda sobre essa rede de dizeres Boucher e Soares afirmam que:

Ao considerarmos a cadeia discursiva difundida pela mídia brasileira, especificamente a rede de sentidos que envolvem as relações de classe das cinco regiões do Brasil,

percebemos que essas projeções dos lugares de mando (carioca) e de obediência (tocantinense) estão em constante manutenção pelas produções midiáticas que trazem o sul e o sudeste como lugares de mando, o espaço “natural” da produção intelectual do país, o ambiente referência e espelho cultural para as demais regiões (BOUCHER e SOARES, 2021, p. 178).

Podemos compreender a partir desse recorte o porquê dos dizeres de Paulo Vieira e de seus pares estarem intrinsecamente vinculados à rede de sentidos que não pode admitir o norte senão como o lugar da falta, do desprestígio cultural. Assim como não pode admitir que sujeitos do norte falem de uma posição de mando, devendo sempre estar na condição de subalterno e subdesenvolvido para primar pela lógica humorística difundida pelas produções midiáticas do sul. Observamos, portanto, as projeções sobre o norte como um subproduto comercializável. De outro modo, desconstruir a imagem do norte e especificamente do sentido tocantinense é um recurso humorístico de sucesso. Por essa razão, Paulo Vieira e os demais colegas humoristas deslocam suas posições de sujeitos nortistas para se apropriarem do discurso sobre o norte. Assim, determinados pelo caráter constitutivo dessa rede de sentidos, os humoristas se veem impelidos a se filiarem a ela para provocar o riso seguindo o padrão preestabelecido pela mídia, porquanto a relação de força a qual sustenta “a balança do humor” (o discurso do sucesso), isto é, a existência de uma força constitutiva da “derrisão” (POSSENTI, 2018, p. 12) determina que os dizeres cômicos sobre o norte causam maior efeito humorístico do que os dizeres sobre o sul.

Segundo essas considerações, podemos afirmar que assim como a estética da voz de sucesso, os dizeres de autoajuda e os próprios sentidos de sucesso (SOARES, 2016, 2017, 2018a, 2018b, 2020) a derrisão “segue um ritual, um padrão midiático” em que há uma determinação de que “a graça é maior quando a desgraça vem do norte”, porquanto, nesses efeitos de sentido, o norte é constituído como a representação da (des)graça. Quando, por exemplo, Paulo Vieira enuncia “o que um comediante passa em São Paulo só que no Tocantins... quer dizer, ainda – mais – merda.”, de modo geral observamos que os dizeres projetam o norte como o catalizador de dificuldade profissional, pois mesmo que as aflições de um comediante sejam de grau similar, o fato de viver no norte maximiza ou eleva esse grau de sofrimento.

Nesse diapasão, percebemos que a imagem que Paulo Vieira, Victor Camejo, Rominho Braga, Osmar Campbell e Murilo Couto fazem de si e do norte “está vinculada ao discurso colonialista que prega a inferioridade dos povos colonizados” (BOUCHER e SOARES, 2021, p. 183)”.

Por essa razão, ressalta-se a importância da continuidade de estudos os quais possam oferecer uma análise mais acurada dos discursos sobre o norte e de sua atual difusão midiática, assim como agenciar pesquisas sobre as formações discursivas que projetam essa região como o lugar da falta (de intelecto, de cuidados com a estética, etc.), da pobreza, e que apresentam a região nortista não só pelo apagamento daquilo que ela tem, mas pela desconstrução da imagem de seus sujeitos. Também, é preciso promover pesquisas sobre os efeitos de sucesso engendrados no campo humorístico e seu entrelaçamento com outros efeitos como os de silenciamento, especificamente, no funcionamento dos discursos midiáticos.

Portanto, ao analisar os processos de constituição de sentidos, com o objetivo de investigar como determinados discursos constituem discursivamente o sujeito tocantinense, pudemos observar o funcionamento da produção do sucesso e da desconstrução da imagem do sujeito tocantinense como um subproduto comercializável de manifestação contínua dos discursos sobre o norte os quais trabalham no apagamento daquilo que poderíamos chamar de “humor local”, ou seja, o humor voltado à valorização da cultura regional visando apresentar o povo do norte e seu espaço com suas ricas características, como forma de promover a dissipação dessas assimetrias.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos do Estado**: Notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro 6 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Socialismo como antonímia do sucesso: os efeitos de sucesso no pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro na ONU. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.36, jul./dez.2020, p. 122-143.

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Discurso sobre o norte: a representação da imagem tocantinense em Paulo Vieira. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.40, Norte em análise: discursividades. 2021, p. 164-186.

COURTINE, Jean-Jacques. **A análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2014.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: Achard, Pierre. Jean Davallon, Jean-Louis Durand, Michel Pêcheux, Eni P. Orlandi. **Papel da memória**; tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 7-63.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Loyola, 2014.

HENRY, Paul. **Construções relativas e articulações discursivas**/ Paul Henry; tradução: João Wanderley Geraldo e Celene Margarida Cruz. Cad. Est. Ling., Campinas, SP (19): p. 43-64, jul./dez. 1990.

O PLANETA TV. "Gugu não dá mais audiência nem traz faturamento", diz diretor do SBT. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://oplanetatv.clickgratis.com.br/noticias/bastidores/gugu-nao-da-mais-audiencia-nem-traz-faturamento-diz-diretor-do-sbt.html> Acesso em: 05 fev. 2022.

ORLANDI, Eni P. **As formas do Silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Pontes da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015a.

ORLANDI, Eni P. Maio de 1968: Os silêncios da memória. In: Achard, Pierre. Jean Davallon, Jean-Louis Durand, Michel Pêcheux, Eni P. Orlandi. **Papel da memória**; Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015b. p. 7-63.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux; Organizadores: François Gadet, Tony Hak. Trad. Bethania S. Mariani... [et al.]; 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015a.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da memória**. In: Achard, Pierre. Jean Davallon, Jean-Louis Durand, Michel Pêcheux, Eni P. Orlandi. **Papel da memória**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015b. p. 7-63.

POSSENTI, Sirio. **Cinco ensaios sobre humor e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

SILVA, Júlio César Lázaro da. "História Econômica da Região Sudeste: Do Ciclo do Café à Industrialização"; **Brasil Escola**. 20. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/historia-economica-regiao-sudeste-ciclo-cafe-industrializacao.htm>. Acesso em: 05 mar. 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. **Discurso do Sucesso**: sentidos e sujeitos de sucesso no Brasil Contemporâneo; Universidade Federal de São Carlos UFSCar, Estudos Linguísticos, 45 (3): p. 1082-1091, 2016, São Carlos. São Paulo.

SOARES, Thiago Barbosa. **Discursos do sucesso**: a produção de sujeitos e sentidos do sucesso no Brasil contemporâneo. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2017.

SOARES, Thiago Barbosa. Sucesso: discursos contemporâneos de capitalização dos sujeitos. In: SOARES, Thiago Barbosa (Org.). **Múltiplas perspectivas em Análise do Discurso**: objetos variados. São Carlos: SP: Pedro & João Editores, 2018a.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percurso Linguístico**: conceitos, críticas e apontamentos. Campinas – SP: Pontes Editores, 2018b.

SOARES, Thiago Barbosa; BOUCHER, Damião Francisco. A estética do sucesso vocal: discursos engendrados na construção de vozes de sucesso midiático. **Anuário de Literatura**, [S. L.], v. 25, n. 2, p. 101-118, 2020. DOI: 10.5007/2175-7917.2020v25n2p101. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2020v25n2p101>. Acesso em: 12 fev. 2022.

Recebido em: 18/03/2022

Aceite em: 06/06/2022